

POVOS JÊ DO SUL: ANÁLISES PRELIMINARES DE ARTEFATOS LÍTICOS PROVENIENTES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO BONIN – URUBICI/SC

ARIANE VARGAS MACHADO¹; GUSTAVO WAGNER PERETTI²; RAFAEL CORTELETTI³

¹Universidade Federal de Pelotas – arivmachado@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – gustavo.peretti.wagner@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – rafael432010@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é referente à análise de artefatos líticos provenientes de escavações arqueológicas realizadas nos anos de 2011, 2016 e 2017 no Sítio Bonin, localizado na cidade de Urubici/SC, no âmbito do projeto binacional “Paisagens Jê Meridionais: Ecologia, História e Poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio”, tendo como um dos seus principais objetivos, “compreender a criação e transformação das paisagens Jê do Sul e sua relação com o surgimento da complexidade social durante os últimos dois milênios em todo gradiente ecológico de seu território no centro-sul Atlântico” (IRIARTE et al., 2014, p. 245).

Os povos Jê do Sul são filiados ao tronco Linguístico Macro-Jê, e neste caso específico, trataremos da família linguística dos Jê Meridionais, composto pelos grupos indígenas: Kaingang, Xokleng, Kimdá e Ingain. (JOLKESKY, 2010, pág. 263). Estados brasileiros como São Paulo (SP), Mato Grosso do Sul (MS), Paraná (PR), Santa Catarina (SC) e Rio Grande do Sul (RS), fazem parte do território ocupado por esses povos. Segundo os arqueólogos Rafael Corteletti e Paulo DeBlasis:

(...) a região é composta por quatro ecótonos: na costa atlântica, a planície litorânea com lagoas e restingas; um pouco para o interior, a encosta da serra com vales florestados pela Mata Atlântica; no topo das serras, o planalto com campo e araucárias; e, mais a oeste, onde as altitudes decrescem novamente, os vales da floresta subtropical.” (CORTELETTI, DEBLASIS 2018, pág. 135).

O sítio Bonin no qual foi coletado o material lítico tema desta pesquisa, está localizado no Planalto Meridional, na cidade de Urubici/SC, situado a 280m da margem do Rio Canoas. Através de um levantamento topográfico, foram identificadas 30 estruturas semissubterrâneas, distribuídas em dois setores, um a Nordeste (NE) e outro a Sudoeste (SW) do sítio. (SOARES, 2019; SPRENGER, 2020; CORTELETTI, 2012).

Apesar das décadas de pesquisas sobre as populações Jê Meridionais, conforme demonstrado por Pedro Ignácio Schmitz (2002; 2009; 2010) ainda persistem lacunas de estudo quanto às marcas de uso em artefatos líticos associados à preparação de alimentos. Trabalhos mais recentes como os de Sidnei Wolf (2016) e Lucas Bond Reis et al., (2018), têm ampliado os horizontes da pesquisa lítica associada aos povos Jê. No entanto, esses estudos não abordam as marcas de uso remanescentes em objetos que possivelmente eram utilizados no preparo de substâncias alimentícias, o que confere a esta pesquisa a

característica de conter dados inéditos.

O objetivo deste trabalho é apresentar os dados preliminares de marcas de uso observadas em materiais líticos que está sendo desenvolvido no Laboratório de Estudos Interdisciplinares de Cultura Material (LEICMA) para o trabalho de conclusão do curso em Antropologia, com Linha de formação em Arqueologia, no Instituto de Ciências Humanas (ICH).

2. METODOLOGIA

Para iniciar as análises, concentramo-nos em realizar uma revisão bibliográfica para compreender aspectos importantes sobre os povos Jê do Sul. Para isso, foram utilizadas a tese de doutorado de Rafael Corteletti (2012) para entender as primeiras intervenções arqueológicas realizadas no município de Urubici/SC, relacionados aos Jê Meridionais e ao sítio Bonin. Utilizei também a tese de doutorado de Manoella Soares (2019) e o Trabalho de Conclusão de Curso de Ana Sprenger (2020) para compreender sobre as escavações arqueológicas no sítio Bonin, mais especificadamente na estrutura 22, sobre a qual falarei mais adiante.

Nos estudos iniciais para interpretar os conceitos básicos sobre indústrias líticas, tradição e fase, e outros paradigmas sobre os artefatos líticos, utilizei a pesquisa de Sirlei Hoeltz (1997).

Como bibliografia fundamental para traçar os conceitos sobre os quais minha pesquisa necessita, destaco o “Guia Para o Estudo de Indústrias Líticas da América do Sul”, da arqueóloga Annette Laming-Emperaire (1967), e o trabalho da arqueóloga Jenny L. Adams (2002), intitulado “Ground Stone Analyses: A Technological Approach”, traduzido para o português como “Análises de Pedras Moídas: Uma Abordagem Tecnológica”.

Para a criação da ficha de análise de cada peça, utilizamos o modelo do quadro analítico de Annette Laming-Emperaire (1967, pág. 124), e foram adaptados com pequenas modificações relacionadas ao contexto local. A ficha para a classificação das peças ficou da seguinte forma: N^o da peça, matéria prima (ex: basalto), técnica de fabricação (ex: polimento), morfologia (ex: dimensão e croqui da peça), utilização (ex: localização das marcas de uso na peça e possibilidades de uso), estado da peça (ex: marcas de fogo e alterações química), observações e tipo.

A autora Jenny L. Adams (2002) desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento desta pesquisa, apresentando de maneira minuciosa conceitos analíticos e descritivos essenciais para a compreensão do que são os “Ground Stones” ou moedores, como geralmente são denominados. Ao combinar as bases teóricas das duas autoras mencionadas anteriormente, iniciamos as análises descritivas das peças no laboratório LEICMA, utilizando também uma lupa binocular para uma melhor visualização das evidências. Ao total foram 60 peças líticas separadas para análise, dentre elas, 02 peças de arenito e 58 peças de basalto.

Foi partindo desses procedimentos que obtive alguns dados preliminares importantes para o desenrolar da minha pesquisa que ainda está em andamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Manoella Soares (2019), a Estrutura 22 que compõe o aglomerado de estruturas semissubterrâneas do setor Nordeste do sítio Bonin é descrita “como um conjunto de fogueiras, como uma grande ‘cozinha’, onde diversos preparos foram realizados, havendo vestígios de inúmeros vasos cerâmicos, artefatos líticos, vestígios macrobotânicos, carvões e alterações no solo.” Esta estrutura apresenta três datações distintas, 600+33 A.P (UGAMS# 30079) no nível 60-80cm, 340+32 A. P (UGAMS# 30078) no nível 60-70cm e de 330+25 A.P (UGAMS#25386) no nível 20-30cm (SPRENGER, 2020). Os materiais líticos coletados são compostos principalmente por Basalto, uma rocha de origem vulcânica, e na sua grande maioria, apresentam fraturas térmicas irregulares devido à quebra pela exposição ao fogo.

Até o momento, todas as 60 peças líticas apresentaram evidências antrópicas na sua superfície. Utilizando o conceito de tribologia, que envolve o estudo do atrito, lubrificação e desgaste de superfícies em contato, conforme apresentado pela autora Jenny L. Adams (2002), ainda que preliminares, obtive resultados promissores nas análises, os quais corroboram com as hipóteses inicialmente levantadas.

Com o auxílio da lupa binocular (magnitude de 4,5X), foi possível identificar marcas de desgaste e atrito nas superfícies dos materiais líticos. Algumas dessas marcas são visíveis a olho nu, mas o interessante é analisá-las através de uma lupa binocular para obter maior precisão. Essas marcas surgem como ranhuras em diferentes direções, paralelas entre si, unidirecionais e em diferentes cantos da superfície da peça. Também é possível observar a presença de picoteamento e polimento nas faces, assim como o desgaste por atrito entre duas superfícies no bordo superior e inferior de algumas peças.

Dado que se trata de artefatos líticos descobertos num contexto possivelmente associado à preparação de alimentos, as evidências descritas acima, corroboram para a hipótese de que esses materiais poderiam estar sendo usados como plataforma para esmagar, macerar, bater e cortar vestígios botânicos ou alguma outra substância necessária. Apesar de não possuírem um design semelhante aos tradicionais moedores, as marcas de uso identificadas nos levam a considerar esta hipótese.

Até o momento presente, estas foram as análises e considerações sobre o assunto. O desenvolvimento da pesquisa continua a evoluir à medida que descrevo e analiso as peças.

4. CONCLUSÕES

Conforme analiso as peças, continuo descobrindo mais vestígios arqueológicos nos materiais líticos. É fundamental prosseguir com as análises para obter respostas mais pertinentes, levando em consideração a materialidade e o contexto envolvido. Os equipamentos necessários para análises mais complexas ainda estão em observação, mas os resultados alcançados até o momento, já são bastante empolgantes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, J. L. **Ground Stone Analyses: A Technological Approach**. 2002

CORTELETTI, R. **Projeto Arqueológico Alto Canoas- PARACA: Um estudo da Presença Jê no Planalto Catarinense**. 2012. 323f. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2012

CORTELETTI, Rafael et al. Projeto Paisagens Jê Meridionais: ecologia, história e poder numa paisagem transicional durante o Holoceno tardio. 2014, **Anais**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade São Paulo, 2014.

CORTELETTI, R.; DeBLASIS, P. A. Arqueologia Jê do Sul do Brasil: ambiente, sistema, poder e experiência na paisagem de Urubici, Santa Catarina. Dossiê Arqueologia Regional em Santa Catarina. **Revista Memore**, v. 5, p.132-164. 2018.

JOLKESKY, M. P. V. **Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto-Jê Meridional**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Campinas. 2010.

LAMING-EMPERAIRE, A. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul (Manuais de Arqueologia). Curitiba: Centro de Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, 1967.

NOELLI, F. S. Repensando os rótulos e a História dos Jê no Sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 3: 285-302, 1999.

REIS, L. B., et al. Entre 'estruturas e pontas': o contexto destruído do Alto Vale do Itajaí do Sul e o povoamento do Brasil meridional. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, vol. 13, não. 3, 2018, pp.597-623.

ROGGE, J.H. & SCHMITZ, P.I. 2009. Pesquisas arqueológicas em São Marcos, RS. **Pesquisas, Antropologia** 67:23-132.

SCHMITZ, P. I. et al. 2002. "O Projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto RioGrandense". **Pesquisas, Antropologia**, São Leopoldo, 58:11-105

SCHMITZ, P. I. et al. 2010. "Casas subterrâneas no planalto de Santa Catarina: São José do Cerrito". **Pesquisas, Antropologia**, São Leopoldo, 68:7-78.

SOARES, M. S. **Geoquímica de solos arqueológicos na identificação de áreas de atividades: um quadro geográfico para o sítio Bonin/SC**. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná. 2019.

SPRENGER, A.C. **Entre os meandros do rio e as profundezas do vale: análises e reflexões sobre as cerâmicas Jê do Sul, Sítio Bonin/SC**. 2020. 94f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pelotas. 2020.

WOLF, S. **Arqueologia Jê no Alto Forqueta/RS e Guaporé/RS: Um novo cenário para um antigo contexto**. 2016. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu. Centro Universitário Univates.